



TRABALHOS DE PONTONEIROS EM TANCOS

(cliché de Benoitel)

II Série — N.º 530

Assinatura para Portugal, *Trimestre 1\$20* ctv.
colonias portuguesas, *Semestre 2\$40* ..
e Hespanha: *Ano 4\$80* ..
Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 17 de Abril de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionais.—*Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL	
Ações	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

Aizella
O MELHOR SABONETE

Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

 **SELLOS DE CORREIO**
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettem-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Henri Manuel
PHOTOGRAPHO D'ARTE
27, Rue du Faubourg Montmartre
Agencia Internacional de Reportagem
As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades.

?Quereis o cabelo bem tingido?
A Flôr de Ouro
GARANTE-SE que não suja as almofadas nem a pele e deixa o cabelo tão formoso na cor natural que nem a pessoa mais intima dá por isso, pelo seu brilho e naturalidade. Preço \$170, pelo correio, \$180. Colonias, 2\$20.
AGUA DO NILO
Para o cabelo louro angelico ou louro de ouro. Inofensivo. Resultado certo. Preço 2\$00, pelo correio 2\$20. Colonias 2\$50.
ANITA P. FORMENT
Penteadora La "Madrilena"
R. Diario de Noticias, 61, r/c.

Lêr na proxima quinta-feira **SEculo COMICO** Preço: 1 centavo

O passado, o presente e o futuro
REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME Brouillard
Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpigny, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe segulram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, Italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.



Rio de Janeiro
A Empeza d'O SEculo faz publico que transferiu a sua agencia no Rio de Janeiro, para a conceituada firma **José Martins & Irmão, Rua da Assemblêa, 62**, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos de fornecimento avulso ou para revenda, de exemplares do
Seculo
Ilustração Portuguesa
Suplemento de Modas & Bordados
e Seculo Comico

FOTOGRAFIA
Reutlinger
A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS
TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Semana Santa

Estamos na Semana Santa. As rosas abrem, as egrejas iluminam-se, as amendoeiras rebentam em flôr, o sol cáe como uma chuva de oiro sôbre a terra humida e fecunda. Chega, com a Pascoa, a verdadeira dionisiaca cristã. Não se saúda o vinho, que fermenta; mas saúda-se o pão, que cresce. Os égipans felpudos não se vestem de pânpanos; mas corôam-se de rosas. Heracles não ri; mas chora Jesus. Afinal, o que é a Pascoa? — perguntas-me tu, encantadora no teu vestido negro de «Pierrot» de Willette, os olhos azues adormecidos nos meus. A Pascoa, para a natureza, — é



a primavera. Para os catholicos, — o dogma. Para os politicos, — a crise. E para Bêbé, que me está olhando, ao pé de mim, muito loiro, muito côr de rosa, — um embrulho de amêndoas.

Kionga

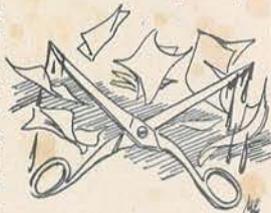
Um facto da semana veio encher de nobre orgulho a consciencia nacional: na passada terça-feira, pelas 11 horas e meia da manhã, o territorio de Kionga, em poder dos alemães desde 1894, foi reocupado pelas tropas portuguezas. Os factos diplomaticos da nossa beligerancia começaram a



converter-se em factos militares. Quasi ao mesmo tempo, o telegrafo annunciou-nos que, em virtude de um decreto expedido pelo chanceler Bethman Holweg, tinham sido mandados adiantar uma hora todos os relógios do Imperio. O Kaiser, tomando esta importante resolução, acaba de conceder aos seus subditos a inapreciavel mercê de morrerem uma hora mais tarde. Quanto a nós, não temos duvida alguma em rectificar, de accordo com todos os relógios da pontualissima Alemanha, que Kionga foi ocupada pelas tropas portuguezas — ao meio dia e meia hora.

A censura

Portugal não será um paiz ingovernavel; mas é um paiz difficil de governar. Ha entre nós uma decidida tendência para considerar como um acto violento o exercicio legitimo de toda a autoridade. O portuguez, apesar do seu caracter contemplativo, subordina-se com difficuldade ás leis. Ha nele um espirito imanente de liberdade, que o torna difficilmente adaptável a todos os principios de disciplina social, de disciplina moral, — e até de disciplina intelectual. Em Portugal só são possiveis os governos tolerantes, as leis tolerantes, as autoridades tolerantes. Mesmo quando as leis são justas, — é preciso executá-las moderadamente, e deixar ao portuguez o direito pleno e livre de dizer mal delas. Por que tem merecido tão violentos ataques a censura prévia á imprensa? Porque a lei é má? Não.



Leonor Teles

O ultimo livro de Antero de Figueiredo, uma «ressurreição», como diria Michelet, um «trecho de historia posto em arte», na frase feliz de Anatole France, veio chamar mais uma vez a nossa atenção para a tragica figura da rainha Leonor Teles, a «flôr d'altura», cuja memoria ensanguenta as paginas de Ayala, de Froissart e de Fernão Lopes, e cujo escudo em lisonja se abre agora na bela capa de Alberto Sousa, blasonando das armas do reino e do campo de oiro dos Teles, sob a corôa real de oiro batido, floreteada e aberta. Essa mulher, que foi a «lady Macbeth» portugueza do seculo XIV, revive inteira na obra magnifica de Antero de Figueiredo, onde não se sabe que mais admirar, se a calma beleza literaria, se a escrupulosa probidade historica.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



o Dever

Chegado á velhice, já quando lhe apetecia mais a paz do lar e o calor do fogo do que as ruidosas e vivas alegrias do ar livre, Manuel recordava-se com saúda-

de dum passado longinquo e agitado que na sua alma depositára, em limpidas cristalizações, dôres e doçuras; das vibrantes manhãs em que a sua mocidade era forte e confiante e o seu coração inquieto, das ilusões perdidas, dos sonhos que jamais conseguiu realizar, de tudo o que o alvoçara, dando-lhe satisfação victoriosa ou amargura e desalento. Sentado numa ampla cadeira de braços e alto espaldar, remexendo com a tenaz as brazas que se pulverisavam em faúlhas de ouro, fumando uns cigarros atraz dos outros, o velho levava longas horas a meditar, a resurgir toda uma época finda, com a imaginação, que era ainda fresca, povoada de sombras e de espectros.

Muito bem se lembrava da linda tarde dourada de sol primaveril em que entrára na casa onde agora tranquilamente esperava a morte, com a noiva pelo braço, de volta da igreja. As rosas de maio que então refloriam eram, de certo, menos encantadoras do que a sua pobre Marta, enleada, anelante, não podendo esconder as perturbações despertadas no seu delicado, frágil ser de mulher por uma existencia, desconhecida para ela, que apenas começava a viver com um rubor de pejo na face e uma suave languidez no olhar aveludado e macio.

Manuel contava trinta anos, sentia a necessidade imperiosa do sossêgo, da tranquilidade caseira, queria constituir uma familia a quem se dedicasse intimamente, para ter á sua roda o inefavel calor dos afetos sinceros, das ternuras que não mentem, das abnegações admiráveis que nunca mais experimentou desde que a mãe, uma senhora amorosa e devota, morrera duma febre malina. Levára uma juventude tempestuosa, dissipando parte dos bens herdados; não concluíra um curso, não arranjára nenhuma occupação sólida, por ausencia de metodo, de disciplina. Não podia, pela rebeldia do seu temperamento, subordinar-se a deveres e a obrigações, considerava-se uma inutilidade social e assim se foi gastando, queimando sem cuidados, até ao momento revelador em que Marta lhe appareceu, exercendo no seu sentimento uma funda impressão. Ela tinha

dezoito anos: mas, apesar da grande diferença de idade, resolveu casar-se, devorado pela sede angustiosa de pacificação e duma ventura que suspeitava e que nunca se mostrára á sua anciedade!...

A graça, a poesia, o enlêvo que Marta trouxera para aquela vivenda desconfortav l, com a sua dôce presença, com o seu sorriso comovido, com a sua pura belesa de flôr humana! Foi como se uma luz nova e miraculosa de repente incidisse sobre a tristeza elegiaca dum crepusculo!

Cheio de reconhecimento por tanta felicidade, de gratidão por aquela meiga rapariga que lhe confiára o destino, Manuel amou a com fervor, com exaltação, com transporte, com uma constancia de que se não julgava capaz, através dos longos mezes em que durou o seu noivado. As horas fugiam com rapidez sem deixarem residuos de tédio numa adoração que constantemente se renovava. Passavam tardes inteiras de mãos dadas, sentados á sombra dos vetustos e musgosos arvoredos do jardim, vendo florescer as roseiras e escutando a deliciosa canção virginal da agua duma fonte que perto deles corria, brilhando, irrisando-se á claridade diurna, para um largo tanque.

Para que o sortilegio e o afago daqueles silenciosos minutos de contemplação e de extasi se não interrompessem, prolongando-se indefinidamente na emoção de ambos, talavam pouco. Manuel, apertando mais entre as suas a mão de Marta, que era pequenina e branca, apenas lhe perguntava, espaçadamente:

— E's tu feliz, amor?

— Muito feliz! — afirmava Marta, envolvendo-o num olhar de agradecimento.

Depois, recaiam na sua mudez, para sentirem com mais intensidade! Na casa antiga, por onde haviam desfilado, através do tempo, tantas gerações de antepassados veneráveis, Manuel encontrava uma alma que a espiritualisava, que lhe comunicava uma consciencia, que a tocava de formosura e de simplicidade. Na sala de jantar, na sala de visitas, no seu quarto, no seu gabinete de trabalho, as rosas, orvalhadas e viçosas, espalhavam aroma e gracilidade, via-se em tudo o arranjo duma diligente «ménagère» infatigavel que procurava criar um cenario condizendo finalmente com a sua existencia venturosa, placida e amimada.

Estiveram casados dois anos calmos, maravilhosos, de suavidade indizível, sem que a menor incompatibilidade, o mais leve amuo, tivessem surgido entre elles...

Remexendo com a tenaz as cinzas quentes do fogão, Manuel ressuscitava esse curto idílio, com os olhos turvos de lagrimas, porque nunca pode apagar na memoria fiel e na alma sensível a sua cruel desdita, desde que Marta se sumira no tumulto, para onde fôra arrastada pela tuberculose. Ha tanto tempo o lance dramático ocorrera e ainda a tinha deante de si, em imagens indeleveis e rebeldes ao esquecimento. A cova algida em que Marta fôra enterrada sepultára tambem todo o in-

teresse de Manuel pelo mundo. No entanto, ela dera-lhe um filho antes de partir para a eternidade: e, viuvo, consagrou-se, d'aí em diante, exclusivamente, a esse pequenino ser inconsciente, que vagia entre as rendas, movendo as mãosinhas rosadas e ás roscas de carne tenra. A criança era tudo quanto lhe restava do seu romance afetivo, da sua absorvente paixão por Marta. Morta, a mãe revivia nela, alvorecia naquela inocência angelica que para sempre conservaria alguma coisa da sua beleza, da sua elevação moral, da sua candura, da sua personalidade psíquica. E mesmo assim debil como um sópro, fraco, sem entendimento, o filho — que crescerá, que se desenvolve-

dos pés para não fazer barulho, ia novamente deita-lo no seu bercinho, que era um poema de sedas tenues e de rendas perfumadas.

Um dia em que o pequenito inesperadamente adoecera, Manuel, desvairado, correu a chamar médicos e nunca mais quiz sair do quarto do doente, para não confiar a estranhos uma missão de enfermeiro que só a êle cabia. Foi uma tortura, que agora, na velhice, Manuel lembrava com sobresalto. Febril, deitado no leito infantil entre finas bretanhas para que a sua carnhã se não magoasse, o filho arquejava, com as palpebras cerradas e a face cortada de vincos. Quando o sofrimento era maior o enfermo gemia



ria magnificamente como uma árvore, que iria para o futuro como uma promessa e uma esperança — era uma companhia amavel para Manuel, que a viuvez mergulhára numa desolada solidude.

A sua dedicação, que foi aumentando diariamente, transformou-se em desespero, em loucura. Vivia a maior parte do tempo á beira do berço em que repousava um corpinho ainda por formar, atento aos seus mais fugidios queixumes, velando-lhe o sono, pegando-lhe ao colo, acarinhando-o. De noite, se o ouvia chorar, levantava-se imediatamente, dirigia-se ao quarto da ama, tomava o filho nos braços, passeava pela tréva dos corredores demoradamente, embalando o, estreitando-o contra o peito, até que êle outra vez adormecesse. E de vagar, caminhando na ponta

brandamente, e Manuel, impotente para aliviar o padecimento da criança, torcia as mãos, alucinado, arrancava punhados de cabelo, exclamava:

— Como é amargo vêr sofrer a meninice sem poder acudir-lhe! E como é cruel um Deus que assim atormenta os inocentes, os sem culpa, os que não teem resistencia para suportar as dôres!...

Alheado, com a cara encostada á mão, a vista cravada fixamente no rosto do enfermo, Manuel não arredava pé da sua cabeceira, com medo de que a morte — essa lugubre morte, a quem ele o disputava com furia — entrasse no compartimento e lho arrebatasse. As lagrimas desciam-lhe pelas barbas emaranhadas, silenciosamente. Monologava:

— Tudo o que tenho nesta vida está ali naquela cama, oscilando como uma chama batida pelo

vento. Nada mais possuo. Se elle morresse, Virgem Santissima, se os medicos não conseguissem salvá-lo, matava-me!...

Mas o perigo desapareceu, lentamente. Ao cabo d'algumas semanas, a febre extinguiu-se e a criança, que esteve a dois passos do sepulcro, renasceu. Voltou, com a sua saúde, a confiança a Manuel e o jubilo á casa. Durante muitos anos o filho não lhe deu mais um minuto de aflição, de duvida. Cresceu, fortaleceu-se, saltava livremente pelo jardim, trepava ás arvores, esmurrava as mãos, era energico, viril. Manuel revia-se n'êle. Chamava-se Eduardo, nome do avô materno, tinha no rosto traços acentuados da formosura da mãe, a vivacidade animava-lhe a fisionomia, de linhas equilibradas e perfeitas.

Quando chegou á idade de começar a receber uma educação, Manuel internou-o n'um collegio com toda a sorte de recomendações. Não queria que sobre ele exercessem a menor pressão, sempre com o temor de perdê-lo ou de vê-lo sofrer. Disponha de sufficiente fortuna para lhe legar a independencia economica, apesar de até ao dia do seu casamento com Marta, haver gastado á larga, atirando ao vento punhados de ouro.

A velhice, que se aproximava, tornava-o aprensivo. Como amava ardentemente a vida, assustava-o até ao delirio o medo de morrer. Vivo, o filho seria a prolongação da sua existencia. Na vasta terra, ficaria um seu representante, alguma coisa do seu sangue, da sua substancia, do seu sentimento, da sua intelligencia. Este raciocinio, com que apaziguava a violencia do mal interior, comunicava-lhe uma grata illusão de perpetuidade, de quasi immortalidade. Então, entregava-se ao encantamento de imaginar para o filho—que era toda a razão da sua vaidade e do seu orgulho— as maiores riquezas e as maiores felicidades. Desde que êle adquirisse uma cultura de espirito que contribuisse para lhe aumentar os dons e as virtudes, Manuel reclamava-o aos professores, havia de levá-lo para casa, para que jámais se separassem, casual-o-ia muito moço com uma mulher como a que tivera, veria encher-se de netos buliçosos e alegres a habitação onde toda a jovialidade se desvaneceu com a morte de Marta, sentiria bater junto do seu coração alanceado outros corações juvenis e energicos! A sua ternura de velho dourar-se-ia ao sol d'uma primavera esplendorosa e de novo daria flôr!... Vãs fantasias!

Com efeito, quando Eduardo contava vinte anos e era um esplendido rapaz, vigoroso, alegre de seiva, instruído, rebentou de subito a guerra. A Europa ardia d'um extremo ao outro, sob um docel de fogo. Pelos campos de batalha, a artilharia troava dia e noite, sem repouso. O sangue—um sangue generoso, vermelho, fecundo—corria em regueiros. Os homens dilaceravam-se, na embriaguez da carnagem, para defenderem o direito contra a força, a liberdade contra a tirania, a grandeza das suas Patrias. E constantemente, multidões de combatentes armados surdavam, avançando para os adversarios impetuosamente, cantando sob o céu indifferente ás ferocidades humanas.

Manuel principiou a viver horas angustiosas, só com pensar que a sua nacionalidade poderia ser envolvida na hecatombe. O filho, êsse filho a quem queria mais do que a si proprio, tinha começado a prestar o serviço militar a que a lei o obrigava, e seria, certamente, um dos primeiros a marchar para o Moloch da guerra, que hoje, como outr'ora, imola

ás suas fomes de colosso a florescencia humana.

O amor paternal fizera-o egoista. Para defender o filho, para o subtrair a uma horrivel morte mais que certa, estava resolvido a tudo—a uma cobardia ou a um crime. Era rico, fugiria com Eduardo para paizes distantes, iria para a America, para qualquer terra onde lhe fosse possível viver em repouso e segurança com êsse filho que era unico e que Marta, ao morrer, lhe confiou como um deposito sagrado! Esta decisão acalmou um pouco o seu tormento, aquietou-o. Ao mais fugidio boato de mobilisação, emigraria, de noite, cautelosamente, como um ladrão, para que o não surpreendessem na fuga!...

Um dia, ao abrir os jornaes logo depois do almoço, leu a noticia de que o seu paiz se collocára abertamente ao lado dos aliados e que ia mobilisar o exercito. Ficou aterrado! O risco que tanto temia transformava-se n'uma realidade. Acabrunhado, soluçando, atirou o jornal para longe, levantou-se, cambaleante, gaguejando. Era preciso não perder um segundo, pôr a sua fortuna em logar seguro, preparar as malas, levar o filho para longe. Dirigiu-se ao seu escritorio, sentou-se diante de uma ampla carteira, rebuscou papeis... A manhã estava gloriosa de luz e a terra, criadora e admiravel, estendia-se a perder de vista, na ondulação das messes, no murmuro das florestas, na verdura dos prados! Como tudo aquilo era lindo! Como a Patria era afagadora! E Manuel deixa-la-ia para sempre, para sempre!

Teve uma hesitação. As mãos pararam, inertes, entre os papeis... Fôra constantemente um homem corajoso e meticuloso em pontos da honra, que punha acima de tudo: e, no entanto, que ia fazer? Deshonrar o filho, ensina-lo a ser um poltrão, a evadir-se ao dever! E porquê? Para poupar-lhe, talvez, a vida. Mas que era a vida sem o heroismo, a generosidade, as virtudes civicas a nobilita-la? Um punhado de cisco, uma vilania, uma coisa despresivel!

A irresolução acentuou-se mais em Manuel! Desconhecia-se! Como pensára ele em desviar o filho de se bater pela Patria, envilecendo-o, fazendo com que mais tarde êle fosse apontado como cobarde? Ah! não! o seu erro era tremendo, o seu acto indesculpavel! Os outros paes teriam aos filhos um amor tão fundo como o que ele consagrava a Eduardo e, em todo o caso, não fugiam. Aceitavam resignadamente o destino. No sacrificio coletivo é que estava a beleza. Os que pretendiam evitar esse sacrificio eram uns desgraçados sem coragem, sem fé patriótica!... Ergueu-se com um brilho vivo nos olhos. Estava transfigurado. Eduardo, que viera visitá-lo, entrou no escritorio alegremente, exclamando:

—Então, já sabe a grande novidade? O exercito vai ser mobilizado. Temos guerra!

—Já sei!... E tu partes com os teus camaradas, a bater-te pela honra da nação, que é a tua e a minha honra!

—Decerto!—bradou energicamente Eduardo.

—Deus sabe—continuou Manuel com solenidade—que sem ti, não existe nada para mim; mas se tiveres de cair, caes no teu posto!

E para que o filho o não visse chorar, temendo que o seu pranto amolecesse aquela entusiastica energia, foi esconder-se n'outro compartimento da casa, porque, apesar de tudo e de se louvar pela resolução honesta que tomára, as lagrimas teimavam em correr-lhe dos olhos enervados.

JOÃO GRAVE.

A OCUPAÇÃO DE KIONGA



Porto Amelia. — Parque das peças Canet, vendo-se á esquerda parte da caserna com paredes de bambú e alpendre de *macuto*

A nossa Bahia de Kionga; na Africa Oriental, fôra brutalmente, contra todo o direito, ocupada pelas tropas alemães em 1894. A afronta ainda não havia sido vingada, reavendo Portugal a bela porção de costa que lhe haviam roubado. Uma e outra coisa conseguiram agora, ao cabo de 22 anos, as armas portuguezas cobrindo-nos de gloria, e especialmente as forças expedicionarias de Porto Amelia, do comando do valente tenente-coronel Moura Mendes, que obraram tão memoravel façanha.

Depois da declaração de guerra, é a primeira vez que nos defrontamos com o nosso inimigo de armas na mão. Iniciamos, pois, a luta por uma vitoria, e brilhante. Não podia haver maior alegria para o paiz, nem maior estimulo para os que teem de continuar essa luta.



Aspeto da povoação do Porto Amella, vendo-se a entrada da praia no alto, onde está a residencia do governador, as repartições e o acampamento. — (Clichés do distinto capitão de artilharia, sr. Norberto Guimarães, oferecidos á *Ilustração Portuguesa*, que publicará no seu proximo numero outros do mesmo illustre official, que tão relevantes serviços tem prestado em Porto Amella como comandante da bateria).

MOVIMENTO PATRIOTICO



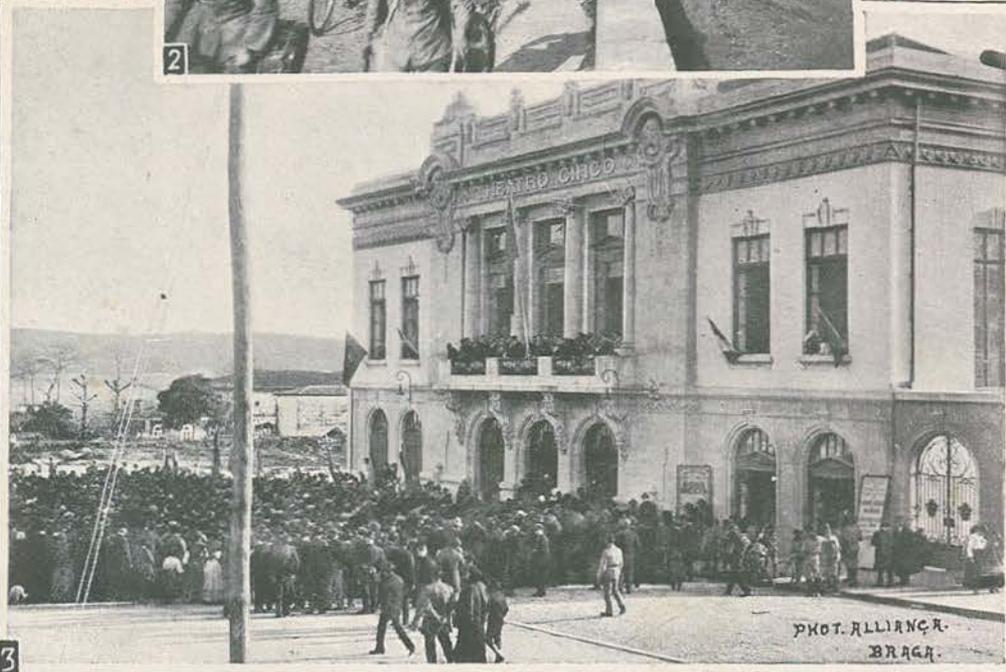
1

Em todo o paiz causou o maior entusiasmo a com participação de Portugal no grande conflito europeu, tendo-se realizado em muitas localidades reuniões de



2

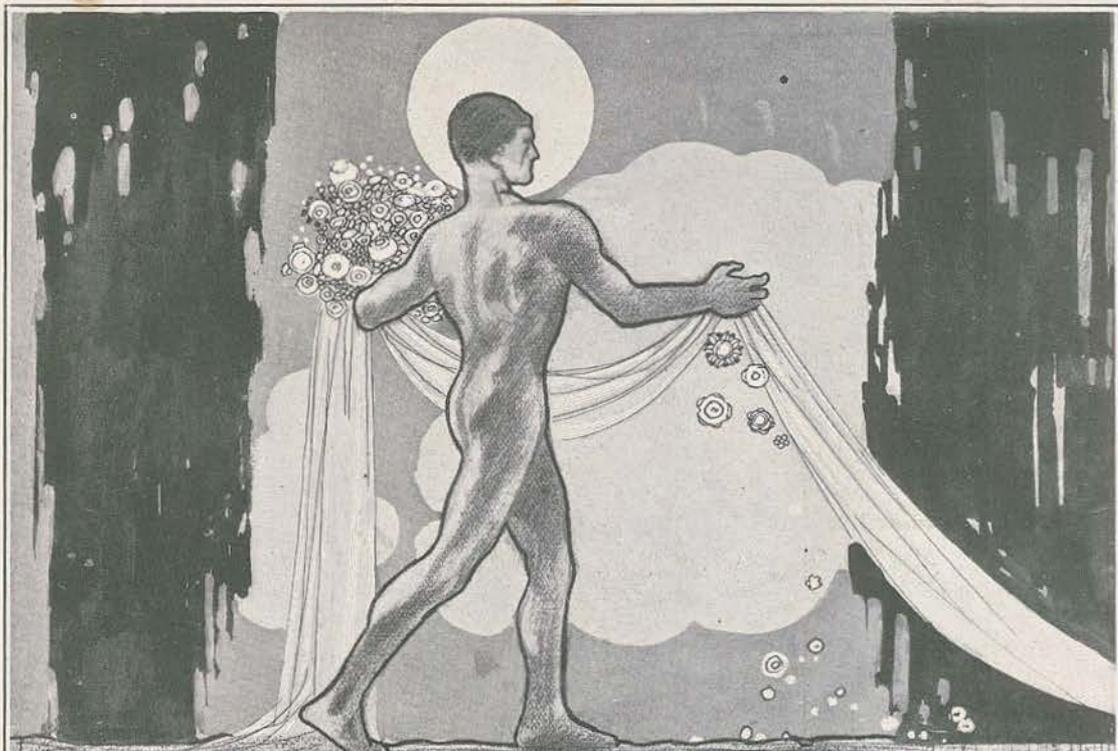
adesão ao governo. E que essas reuniões tem sido concorridas, provam-no estes clichés que reproduzimos e que são de um grande valor historico.



3

PHOT. ALLIANÇA
BRAGA.

1. **Bragança.**—Manifestação patriótica em cortejo pelas ruas da cidade, promovida pela Junta patriótica do distrito.—(Cliché da Fotografia Moderna, de José E. S. Afonso).—2. **Passelo militar** a S. Cosme de Gondomar, promovido pelos instrutores da Sociedade Instrução Militar Preparatória n.º 22.—(Cliché do distinto fotógrafo amador sr. J. Castro).—3. **Braga.**—Aspetto do comício de propaganda promovido pela Junta Patriótica do Norte.—(Cliché da Fotografia Alliança).



CYCLO

Manhã. Sangue em delírio, verde gomo,
Promessa ardente, berço e liminar:
A árvore pulsa, no primeiro assomo
Da vida, inchando a seiva ao sol... Sonhar !

Dia. A flor, -o noivado e o beijo, como
Em perfumes um thalamo e um altar:
A árvore abre-se em riso, espera o pomo,
E canta á voz dos passaros... Amar !

Tarde. Messe e esplendor, glória e tributo;
A árvore maternal levanta o fruto,
A hostis da ideia em perfeição... Pensar !

Noite. Oh! saudade!... A dolorosa rama
Da árvore afflicta pelo chão derrama
As folhas, como lágrimas... Lembrar !

Olavo Bilac

Lisboa. 1916.



O ilustre poeta brasileiro sr. Olavo Bilac, na sua passagem por Lisboa, deu-nos a subida honra de escrever para a *Ilustração Portuguesa* este magistral soneto, um dos mais formosos que conhecemos na lingua de Camões, e pelo qual lhe tributamos calorosos agradecimentos.

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Acentuam-se cada vez mais os efeitos causados pela ultima conferencia dos aliados em Paris, tanto nos paizes inimigos como nos neutraes. Essa conferencia em que Portugal tomou uma parte honrosa, sendo o nosso ministro, sr. João Chagas, alvo de vivas sympathias, veiu provar que é cada vez mais firme a unidade de vistas dos aliados e a solidariedade dos seus esforços de todas as especies para proseguirem na luta sem a menor desfalencia até á vitoria final

A Alemanha finge não ligar importancia ao facto, mas as celebres e estiradas declarações do chanceler alemão Bethmann-Holweg no Reichstag tiveram o visivel intuito de atenuar a forte impressão que ella produziu na propria Alemanha, que esperava que da conferencia saísse a primeira, embora disfarçada,



1. O sr. João Chagas, ministro de Portugal em França, saindo da conferencia dos aliados em Paris
2. Um canhão de 149 Italiano

palavra de paz. Em vez d'ela o que saiu foi a afirmação solene de que a guerra continuava até que aqueles que, levados por uma louca ambição de predominio, perturbaram a paz da Europa, se vissem reduzidos a um estado de lhes não ficarem recursos nem vontade de tornarem a perturbal-a tão cedo.

E' notavel, depois da conferencia, a atitude das nações neutras para com a Alemanha. A propria Holanda, com cuja neutralidade, cada vez mais condescendente, ela contava a ponto de imaginar que o movimento militar dos ultimos dias nos Paizes Baixos era determinado pelo receio de um desembarque dos aliados, acaba de entrar no movimento geral de protestos contra a traiçoeira guerra de exter-



1. O general Cadorna saindo do hotel Meurice, em Paris, com os seus ajudantes para ir assistir ao conselho dos aliados.—2. O general Sarrail nos arredores de Salonica, acompanhado dos seus ajudantes.
(Clichés da secção fotografica do exercito francez).

minio feita a toda a navegação. Mais: a Holanda dá a entender que, se pensou na defeza do seu territorio, pondo em pratica as medidas militares que as circumstancias lhe aconselhavam, não foi por causa dos aliados, mas, sim, por causa dos alemães, cujas tropas se lhe aproximavam sensivelmente das fronteiras.

Os casos do torpedeamento dos vapores «Sussex» e «Vigo» tambem causaram em



Hespanha uma impressão dolorosa, levando o seu governo a apreciar-os com serenidade e energia. Quer dizer, os dois unicos paizes talvez em que os alemães ainda contavam ter algumas simpatias por ainda não os terem molestado com alguma das suas brutalidades, não se mostram muito dispostos a fechar os olhos a ofensas insensatas dos mais sagrados direitos internacionais.



1. O príncipe Alexandre da Servia—2. O príncipe Alexandre da Servia, acompanhado do presidente da República Franceza, saindo da Camara Municipal de Paris após a recepção (Clíchés Henri Manuel).



Os russos atacam uma linha de 250 quilómetros.—A infantaria saindo das trincheiras para dar um ataque à baloneta contra as posições inimigas.



A infantaria atravessando uma ribeira sobre uma ponte improvisada (Lichés Branger).

HEROINAS OBSCURAS





O general Sarrail ouvindo a narração do aviador Richepin + e d'um outro oficial após uma proeza heroica dos dois.



Pontoneiros francezes e gregos em Salonica trabalhando em obras de defeza da cidade (Clichés Henri Manuel).

NA FORJA



Operarios francezes reauecendo as tampas dos torpedos aereos



Fabrico de torpedos aereos em França.—Soldando diversas peças dos torpedos por meio de maçaricos.



As pás de que são munidos os torpedos para fazel-os seguir a necessaria trajetoria

(Clichés Boyer da Ilustração Inglesa).

PORTUGAL NA GUERRA



O sr. Norton de Matos,
ministro da guerra

e palavras de simpatia e estimulo, que nos comovem e mais nos acendem os nossos brios.

Seja onde for que tenhamos que combater pela nossa honra e pela integridade do nosso territorio, os animos encontram-se todos admiravelmente dispostos, quer entre as forças já treinadas de terra e mar, ás quaes toca primeiro a vez de se deffrontarem com o inimigo, quer entre as reservas e os elementos civis, não apurados ainda, que vão constituir um valiosissimo reforço para as eventualidades.

Não ha ahi ninguem que não deseje ser o primeiro a pegar em armas e a combater. Aqueles mesmos que o limite de idade exclue do serviço obrigatorio, mas cuja robustez e patriotismo não lhes sofrem ficar inuteis, aneiam tambem por

Não afrouxou ainda um só momento o nosso trabalho de preparação para a luta. Embora o espirito publico se mostre mais calmo, não esmoreceu o ardor com que aceitámos o répto da Alemanha, e de toda a parte continuam a chegar-nos demonstrações

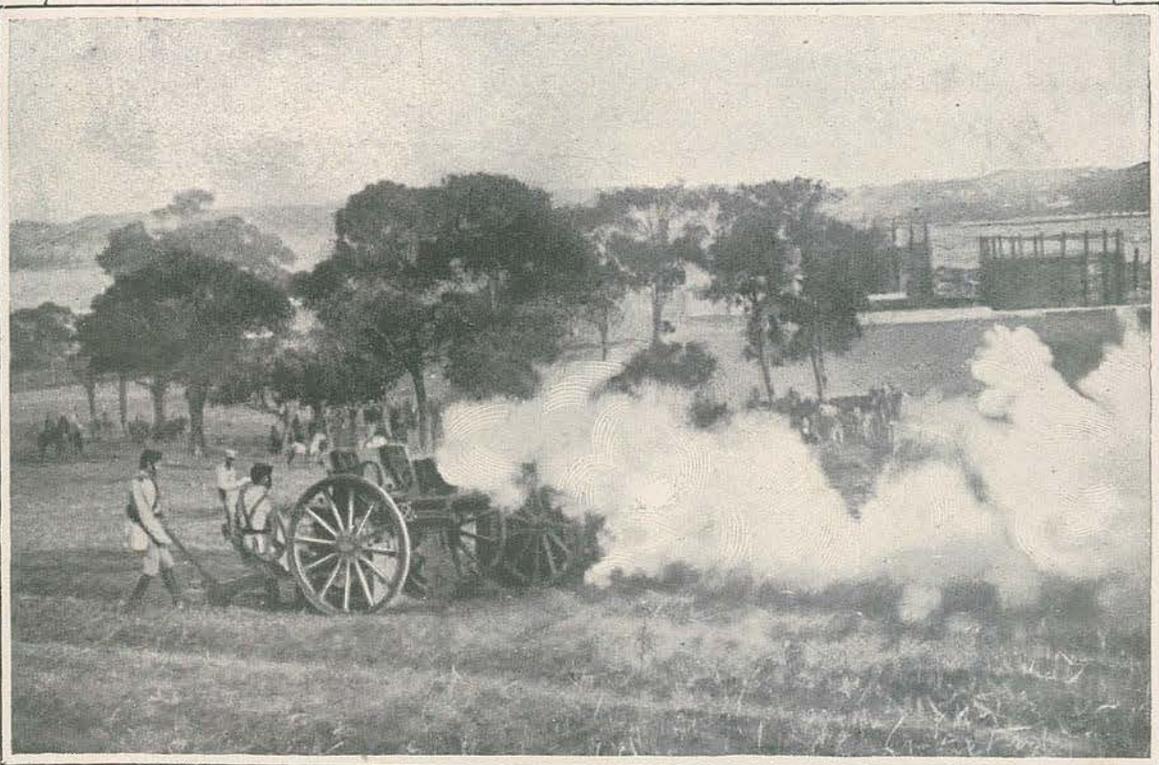
que se lhes ofereça o ensejo de prestarem serviços compatíveis com as suas forças.

As difficuldades, em que nos põe a crise interna e a falta de communicações com os grandes centros industriaes de que nos abastecemos e que aliás lutam tambem com as difficuldades geraes refletidas d'este estado de coisas, parece ir-se vencendo como por milagre, graças ás medidas do governo e aos dedicados e infatigaveis esforços de quantos com ele cooperam para que nos apresentemos na linha de combate á altura das nossas tradições e dos deveres que nos impõe a nossa aliança com a Inglaterra.

Mesmo de momento, não ha que temer surpresa alguma nas nossas costas, por onde em geral se crê que sejamos primeiramente hostilizados por submarinos. Tudo está previsto com raro tacto, espirito de ordem e superior criterio. Em pouco tempo não se podia fazer mais. Todos os outros trabalhos de defeza e de mobilisação continuam com a mesma harmonia de ação e a mesma unifor-



O general sr. Pereira d'Eça
comandante da 1.ª divisão



Um exercicio de artilharia

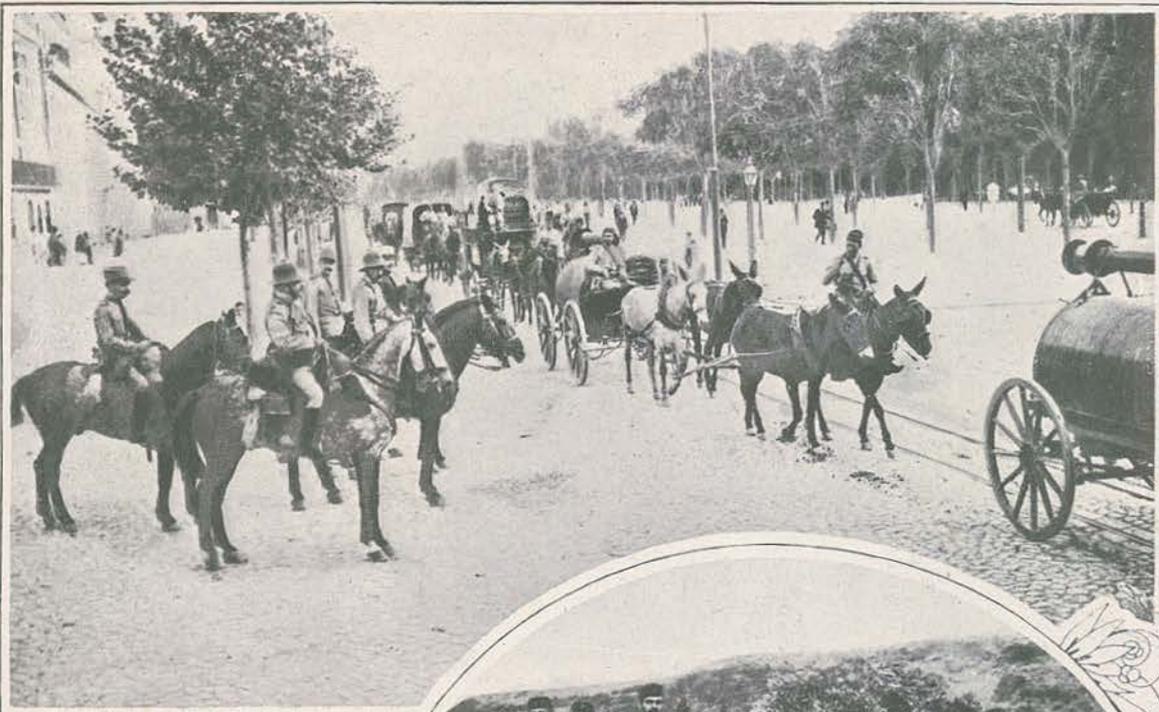


midade de vistas. O paiz sente bem todo este afan militar e

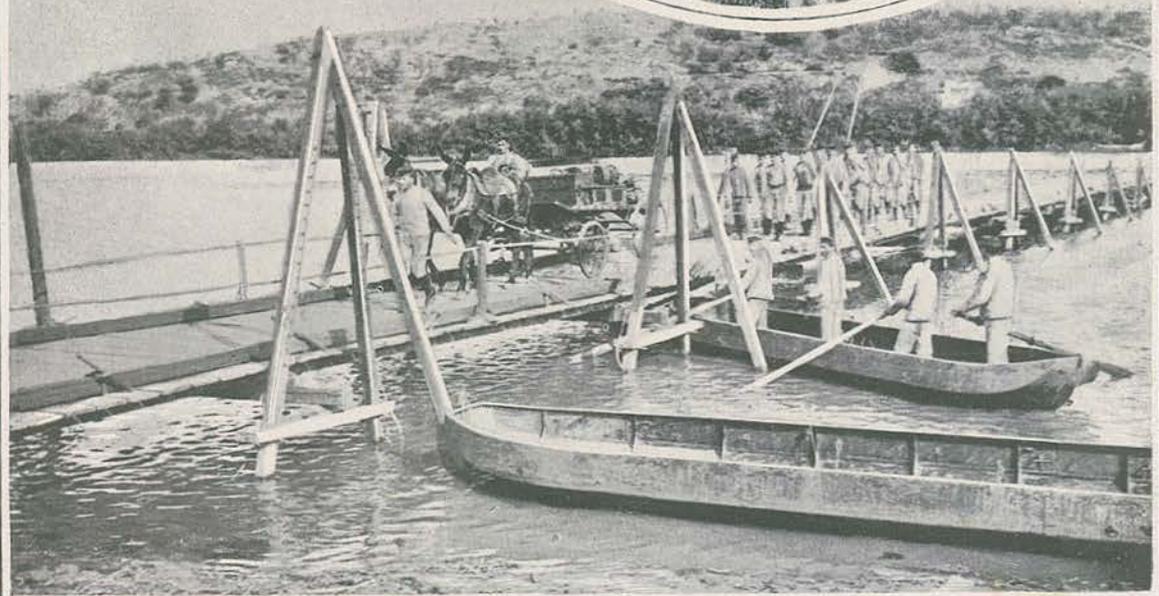
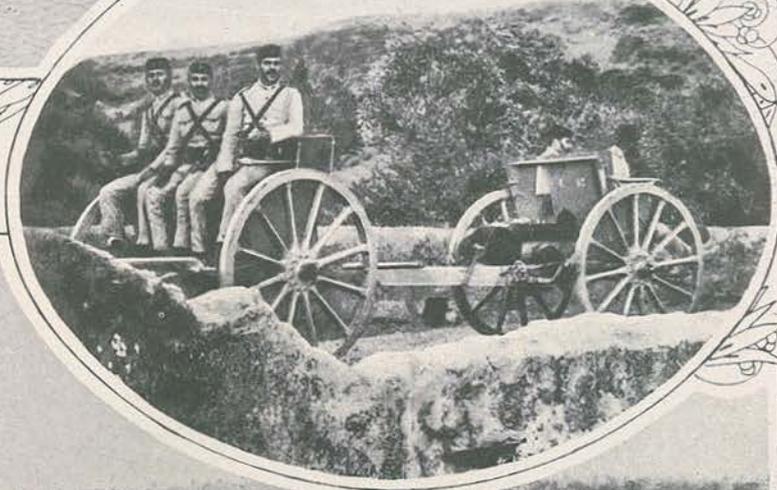
patriotico, e por isso está tranquilo.



1. Os novos soldados — 2. Exercicios de engenharia



O desfile de diversas viaturas da administração militar



2. Uma peça de artilharia a tomar posição para os exercitos — 3 Um carro da telegrafia com o respetivo pessoal atravessando uma ponte construída pela engenharia — (Clichés Benollel).



Promete ser de um brilho excepcional a festa da flôr que o *Seculo*, com o gentil e valioso concurso dos grandes horticultores do Porto, srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, vae realizar em Lisboa a favor da subscrição por ele aberta para os feridos da guerra. A capital vae ser coberta de uma profusão de belas e variadas flo-

res, como ela nunca viu, porque as quintas e jardins dos srs. Moreira da Silva, d'onde saem milhões de plantas, quer de fruto quer de flôr, para todo o paiz, colonias e estrangeiro, são inexgotaveis e já se apresentam tão lindas e prometedoras que em maio realizarão de certo a lendaria beleza dos jardins de Babylonia.



1. Um dos depositos d'agua da quinta do Perosinho.—2. A linda casa do sr. Albano Moreira da Silva em Vilar do Paraiso.—3. Um trecho do Jardim da vasta quinta do Perosinho, uma das que exploram os srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, vendo-se a passear n'uma das ruas o sr. Albano Moreira da Silva com sua esposa.

FIGURAS E FACTOS

D. Aurora Leal d'Azevedo Coutinho.—Após prolongado sofrimento, faleceu ha dias em Lisboa a sr.^a D. Aurora Leal d'Azevedo Coutinho, esposa do illustre ministro da marinha sr. Vitor Hugo d'Azevedo Coutinho, deputado e um dos officiaes mais prestigiosos da nossa marinha de guerra. Senhora das mais elevadas qualidades de intelligencia e de carater, deixa as mais vivas saudades a seu esposo que a idolatrava e a todas as



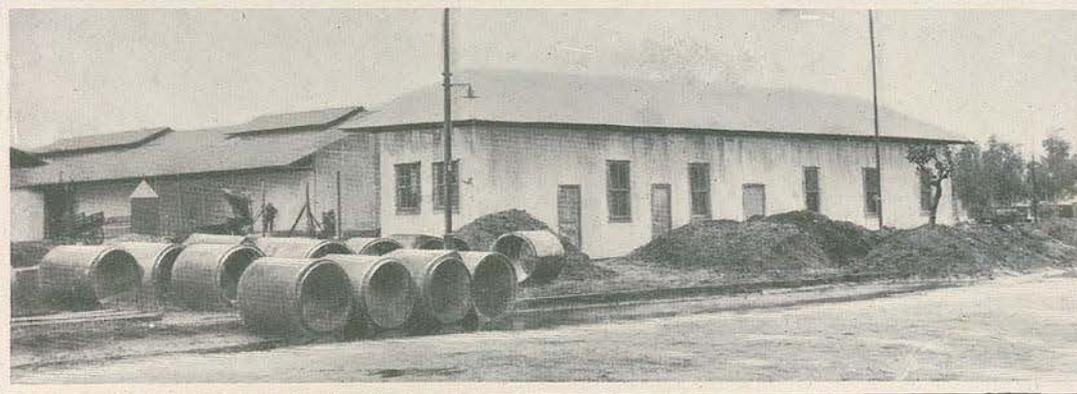
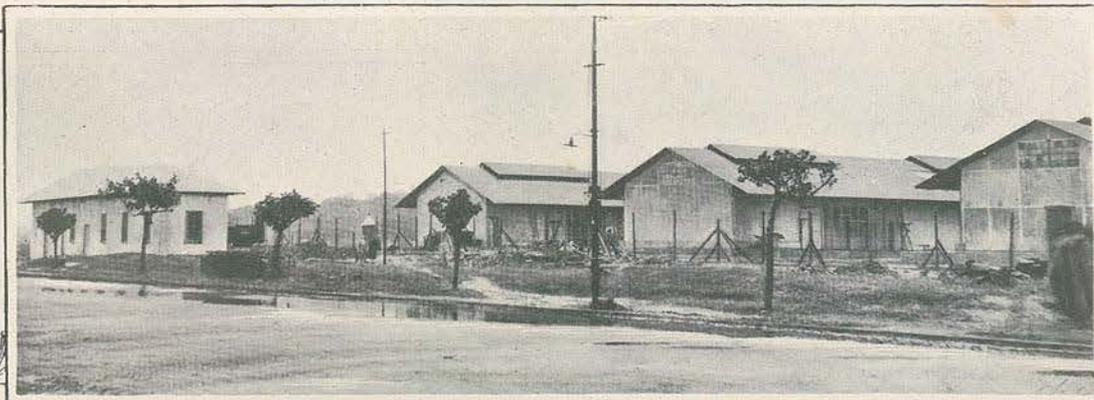
A sr.^a D. Aurora Leal d'Azevedo Coutinho.

peçoas que a conheciam de perto e apreciavam. Logo que a noticia da morte da infeliz senhora foi conhecida, o sr. Azevedo Coutinho recebeu as condolencias dos srs. presidente da Republica, presidente e mais membros do ministerio, de muitos officiaes da marinha e altos funcionarios da Republica, bem como de varias agremiações populares. O funeral esteve concorridissimo, fazendo-se representar n'ele o Chefe de Estado.



2. O sr. dr. João Corrêa Botelho Castelo Branco, filho do sr. dr. José de Azevedo Castelo Branco, falecido em Lisboa. Era formado em direito e foi deputado no antigo regimen. — 3. O sr. Bento Adellino da Silveira Forté Gato, coronel de artilharia, antigo diretor do deposito de material de guerra, falecido em

Lisboa.—4. O coronel de infantaria e chefe da 3.^a repartição do ministerio da guerra, sr. Antonio Ferretra Quaresma, falecido em Lisboa.—5. O coronel de artilharia 3. sr. João Maximiano Pita, falecido em Santarem. Tinha a ordem militar de S. Bento de Aviz.



6. e 7. **Lourenço Marques.**—Barracões construidos no Pantano, destinados a alojar as tripulações dos navios que foram dos alemães. (Clichés do sr. Bernardino Lourenço Oliveira).



O edificio do Matadouro e talho de carnes na Manutenção Militar, recentemente inaugurado

Manutenção Militar.—O ministro da guerra, sr. Norton de Matos, foi inaugurar o novo edificio do matadouro e talhos de carne junto da Manutenção Militar, melhoramento que muito contribue para a boa ordem que é preciso manter nas subsistencias para o exercito.

N'esta ocasião foram inaugurados os retratos dos srs. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, e dr. Afonso Costa, ministro das finanças.



O sr. Norton de Matos, ministro da guerra, acompanhado do coronel sr. Vasconcelos Dias, director da Manutenção Militar

Arte Contemporanea.—Pelo sr. presidente da Republica foi inaugurado o Museu Nacional de Arte Contemporanea, de que é director o illustre pintor Columbano Bordalo Pinheiro, tendo admirado os



O sr. presidente da Republica cumprimentando o sr. Columbano Bordalo Pinheiro

belos trabalhos que ali se encontram já expostos, entre os quaes sobresaem dois esplendidos marmores de Soares dos Reis. Os srs. dr. Antonio José d'Almeida e dr. Afonso Costa acompanharam o chefe do Estado.



O sr. dr. Antonio José d'Almeida saindo com o sr. dr. Afonso Costa do Museu de Arte Contemporanea

(Clíchés Benolle)



O sr. dr. João de Barros
2. O edificio da Escola de João de Deus, à Estrela

irmãos que são. Um novo e importante trabalho acaba ele de publicar, intitulado «Educação

Educação republicana.—O sr. dr. João de Barros, tão distinto poeta como prosador, conta já uma larga obra literaria tão apreciada em Portugal como no Brazil, sendo o seu ideal ver os dois paizes unidos como verdadeiros

Republicana». Era um grande problema a estudar e a resolver. Generosos e patrióticos esforços se tem feito n'esse sentido, e á frente de todos eles merece registo o do sr. dr. João de Deus Ramos, um grande educador, que lhe lançou as bases nos *Jardins-Escolas*, sob a égide prestigiosa da memoria de seu pae, João de Deus, um dos maiores poetas e o primeiro pedagogo do nosso paiz. João de Barros começa por prestar-lhe essa homenagem no seu livro, e depois n'aquellas 210 paginas, tão artisticamente imo esmaltadas de boa gueza, desenrola o seu metodo, clareza e base scientifica inexcelsiveis, tornando-se esse trabalho monumental um dos melhores elementos de propaganda e ensino que n'esse genero temos visto e que mais seguros resultados podem dar.



O sr. dr. João de Deus Ramos

COMPANHIA ADELINA E AURA ABRANCHES DA EMPREZA DE JOSÉ LOUREIRO



3. A atriz Berta de Albuquerque—4. A atriz Anita Basto—5. A atriz Adelina Abranches—6. A atriz Aura Abranches—7. A atriz Laura Fernandes—8. A atriz Irêné Vieira—9. O ator Mario Pedro—10. O ator Luiz Augusto—11. O ator Antonio Sacramento—12. O ator Griljô—13. O ator Augusto Torres—14. O ator Alfredo Abranches—15. O ator Augusto Machado



Inaugnrou a epoca de verão no teatro Avenida uma companhia dramatica dirigida por Adelina Ruas e Aura Abranches, que ha pouco regressaram do Brazil pelo seu correto desempenho.

cheias de gloria. Da companhia fazem parte alguns artistas novos que na peça *A bela aventura* mereceram elogios



ches, que ha pouco regressaram do Brazil pelo seu correto desempenho.

O concelho da Marinha Grande—A restauração d'este concelho, que tão entusiasticamente foi festejada por aquele importante centro de industria e de trabalho, bem como pela laboriosa freguezia da Vieira, que com ela constitue o concelho, deve-se ao esforço de muitos dos seus proprietarios e industriaes que desde anos vem pugnando por esse ideal e encontraram nos senadores e deputados pelo distrito a que pertence a melhor boa



vontade. Entre esses industriaes é de justiça que destaquemos hoje o sr. Guilherme Pereira Roldão, pela inteligencia e atividade com que tem contribuido para o desenvolvimento da industria vidreira na Marinha, sendo a sua fabrica uma das melhores e mais completas, e pelo patriotismo com que tem sempre tratado dos interesses locais, não descaçando um momento enquanto o projeto da restauração do concelho não foi aprovado.



16. O sr. Guilherme Pereira Roldão—17. Um aspecto da fabrica de vidros do sr. Guilherme Pereira Roldão e da vasta propriedade que lhe pertence

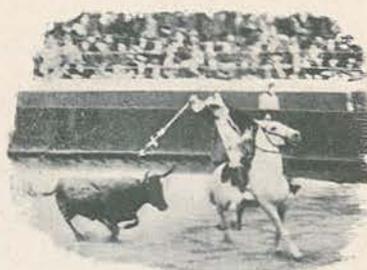
PRAÇA DO CAMPO PEQUENO



Uma pega mal ajudada

Antes da inauguração da época tauromaquica, que será no domingo de Pásqua, como é costume dos anos anteriores, celebrou-se uma novilhada com lides

Francisco Vitorino, apresentou-se bem tratado e agradou, assim como agradaram os *niños* novilheiros, que ouviram muitos aplausos do publico *ajicionado*



Macedo toureando

á hespanhola e á portugueza, tomando n'ela parte o cavaleiro Eduardo Macedo e os bandarilheiros Luciano Moreira e Manuel dos Santos e os *niños* Blanquito e Belmonte II, que se fizeram acompanhar de alguns ajudantes e respectivos picadores. O gado, do abastado lavrador sr.



Um touro que recarga

que não perde ocasião de assistir ao seu divertimento predileto, mesmo quando o gado e os artistas sejam de tenra idade.

Os artistas portugueses foram igualmente muito ovacionados, o que é bom sinal para quando trabalharem nas corridas de *verdad*, que prometem animação.

Aspeto da assistencia



Bandarilhando



Uma vara



Um salto de vara
(Clitches Benollet)